



Experimentação textual para a construção de imagens

*Experimentación textual para la
construcción de imágenes*

*Textual Experimentation for
image construction*

Maria Alice Andrade de Carvalho, maliceac@gmail.com

Ruth Cuiá Troncarelli, ruthtroncarelli@gmail.com

Vinícius Juliani Pereira, viniciusjulianip@gmail.com

Aline Silva Santos¹, paisageira@gmail.com

*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São
Paulo (FAU-USP), São Paulo, Brasil.*

¹ O presente ensaio desenvolveu-se por meio de produção coletiva destes pesquisadores, ligados à pós-graduação da FAUUSP e responsáveis também pela organização do grupo de estudos **Devaneios Experimentais e Poéticas Imaginativas (DEPi)**. Seus encontros e discussões ocorreram no ano de 2019, sendo parte de sua produção aqui apresentada. O DEPi associa-se ao grupo de pesquisa **Representações: Imaginário e Tecnologia (RITe)** coordenado pelos docentes Artur Simões Rozestraten e Gil Garcia de Barros, o qual vincula-se ao **Centre de Recherches Internationales sur L'Imaginaire CRIZi**. Este ensaio é resultado do debate de dois textos e da criação imagética em torno deles.

Resumo

Este ensaio expõe duas experimentações imagéticas feitas pelo grupo de estudos Devaneios Experimentais e Poéticas Imaginativas, formado por pesquisadores da FAUUSP. Elas resultaram de um processo teórico em que imagens materializam conceitos de textos debatidos pelo grupo. Portanto, trata-se de refletir sobre práticas de pesquisa científica e sua metodologia, que envolvam elementos não-textuais.

Palavras-Chave: Imaginário. Representação. Poética. Colagem. Processo.

Resumen

Este ensayo expone dos experiencias sobre imágenes realizadas por el grupo de estudios Devaneios Experimentais e Poéticas Imaginativas, formado por investigadores de FAUUSP. Surgieron de un proceso teórico en el que las imágenes materializan conceptos de textos discutidos por el grupo. Por lo tanto, se trata de reflexionar sobre las prácticas de investigación científica y su metodología, que implican elementos no textuales.

Palabras-Clave: Imaginario. Representacion. Poetica. Collage. Proceso.

Abstract

This essay exposes two experiments carried out by the group of studies Devaneios Experimentais e Poéticas Imaginativas, formed by FAUUSP researchers. They resulted from a theoretical process in which images materialize concepts of texts discussed by the group. Therefore, it is a question of reflecting on scientific research practices and their methodology, which involve non-textual elements.

Keywords: Imaginary. Representation. Poetics. Collage. Process.

INTRODUÇÃO

*Como penetrar na esfera poética do nosso tempo?
Uma era de imaginação livre acaba de abrir-se.
Em toda parte as imagens invadem os ares,
vão de um mundo a outro, chamam ouvidos e olhos para sonhos
engrandecidos.
(BACHELARD, 2009, p. 25)*

O grupo de estudos Devaneios Experimentais e Poéticas Imaginativas (DEPi) busca refletir sobre as temáticas ligadas ao imaginário, representações e tecnologia no contexto da atualidade em que se procura conceber imagens a partir de textos, experimentando-se diferentes técnicas e suportes.

Após a leitura dos textos foram realizados debates que despertaram reflexões, e posteriormente foram representadas por meio de imagens, fotografias, poesia e esculturas – tendo especial atenção ao ato da tangibilização dos conceitos apresentados.

Acredita-se que esta produção expressa a narrativa de sua feitura e intenções dos pesquisadores, mas simultaneamente, se faz aberta a novas leituras e interpretações de seus espectadores. Isto porque entende-se que estas

representações criadas não são estáticas, desprovidas de vida, mas têm o potencial de revidar o olhar, de forma a também instigar reflexões sobre o próprio processo criativo.

Para o presente ensaio, escolheu-se apresentar e discutir sobre o processo de produção de duas colagens desenvolvidas coletivamente pelos pesquisadores, em torno dos textos “O Banquete” de Platão e o conjunto de textos de Hélio Oiticica: “Experimentar o experimental”, “O que faço é música”, “A obra, seu caráter projetual, o comportamento” e “Brasil Diarréia”.

A escolha do texto “O Banquete” decorreu da vontade de entender a existência de diferentes significados e conceitos contidos em uma única palavra – no caso, o “amor” –, que para o grupo remete à complexa natureza das imagens. Outra temática trabalhada foi a importância do ato de criar e suas relações com a materialidade.

Já a escolha por trabalhar com textos de Hélio Oiticica se deu por ser um artista que, além de exercer a profissão intensivamente, procurava, por meio da arte, questionar aspectos sociais, culturais, materiais e metafísicos. Oiticica também produziu textos que refletiam sua forma de pensar sobre esses temas, onde vemos, portanto, que suas produções literária e artística estão intimamente ligadas. Pode-se pressupor que sua produção teórica surgiu de uma experiência física e material, conceito este que se relaciona diretamente com a forma de trabalhar do grupo de estudos DEPi.

Os referidos textos dos dois autores tiveram como resultado a produção de imagens a partir da técnica de colagem, que para sua construção depende do deslocamento de representações primeiras.

DEVANEIOS E EXPERIMENTAÇÕES

O grupo DEPi tem procurado trabalhar com a criação de representações como uma das premissas metodológicas, valorizando o uso das imagens nos trabalhos acadêmicos. Assim, os pesquisadores selecionaram previamente

textos que serviram como embasamento para a produção de imagens, onde se procurou usar o experimental e a invenção para a produção desses suportes não-textuais.

Trabalhar com a imaginação e criação pode dar origem a um novo mundo, um mundo em que se tem a imaginação ativa e "criante". Entende-se que o devaneio foi parte relevante para o processo de trabalho dos pesquisadores, no qual este é entendido como mais do que o puro sonho, aproximando-se de um "sonho de ação precisa" (BACHELARD, 2013, p.3). Segundo Bachelard, "Um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é o nosso" (2009, p. 8). Ainda segundo o autor, o devaneio poético "nos dá o mundo dos mundos [...] é um devaneio cósmico [...] uma abertura para um mundo belo, para mundos belos" (2009, p. 13).

A criação de imagens pode ser entendida como a representação de realidades subjetivas por meio do emprego de uma ação sobre determinado suporte – seja ele tangível ou abstrato. Entende-se aqui a formação de imagens como uma produção poética humana onde o formar relaciona-se ao ato de justaposição de sentidos. Seja essa imagem fixada em uma fotografia ou na tridimensionalidade de uma porção de argila, o ato de formar imagens carrega em si o deslocamento de símbolos capazes de uma nova combinação intencional.

Na invenção dessas novas representações tem-se o movimento do corpo e do pensamento, em que criação pode participar ativamente do processo juntamente com o imaginário. A imaginação fundamenta este imaginário, e pode ser considerada o motor das representações do grupo. Como afirma Gaston Bachelard:

Pretende-se que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Ora, ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens. Se não há mudança de imagens, união inesperada de imagens, não há imaginação, não há ação imaginante. (2001, p. 1)

No texto "O Banquete" (1972) de Platão, é narrada a conversa de Sócrates com Diotima sobre as definições a atividade poética humana em que a "poesia" (do grego poiésis) é apresentada como toda ação empregada na passagem do "não-ser" ao "ser" – ou seja, a invenção e criação, a transformação da matéria, cujo resultado pode ser notado nos processos humanos de representação. Dessa maneira, a "poesia" não seria apenas o produto de um poeta mas pode ser entendida também como "[...] algo de múltiplo: pois toda causa de qualquer coisa passar do não ser ao ser é 'poesia', de modo que as confecções de todas as artes são 'poesias', e todos os seus artesãos poetas." (1972, p.43)

Para Pareyson (1993) a atividade de dar forma ao não-ser anterior apresenta-se como um processo inato ao ser humano e não exclusivo aos artistas: "[...] 'formar' significa 'fazer' inventando ao mesmo tempo 'o modo de fazer', ou seja, 'realizar' só procedendo por ensaio em direção ao resultado e produzindo deste modo obras que são 'formas'" (1993, p.13). Segundo sua teoria da formatividade a ação poética empregada sobre a atividade do formar é constituída das vontades e vieses do indivíduo que exerce tal ação. A matéria formada, por sua vez, é capaz de absorver tais intencionalidades de sentido e transmiti-las a outros indivíduos.

Dessa forma, é possível entender que o processo de formação de uma imagem inicia-se da ação que transforma um conjunto de trechos de imagens deslocando-as ou não de sua inserção inicial, com o objetivo de organizar uma nova "coisa" que também é imagem, e que carrega em si as memórias de significados individuais de sua primeira apresentação mas que agora cria novos significados na justaposição intencional com outras individualidades imagéticas. Entende-se aqui que a formação de uma imagem não se apresenta como um processo isolado e fixo, mas como uma movimentação de afastamentos e proximidades entre acervos imagéticos.

Seguindo as diretrizes do grupo DEPI sobre a aproximação de um entendimento dos papéis exercidos pelas representações não-textuais na produção científica contemporânea, a colagem apresenta-se como uma

técnica capaz de criar uma apreensão física da problemática dos deslocamentos, configurando-se como uma estratégia para o exercício de entendimento da movimentação de sentidos na criação de imagens.

O termo colagem remonta o recorte em papel das expressões francesas papier collé e découpage, que em tradução direta trata do corte e reposicionamento usual de pedaços de materiais. Como instrumento artístico, a colagem se aproxima de técnicas mistas de assemblage e montagem que lidam diretamente com o reposicionamento de objetos e materiais sobre um suporte comum (TATE, 2017).

Não se pode pensar a não ser efetuando movimentos de pensamento com que se passa de juízo a juízo e de raciocínio a raciocínio, sempre ligando e sistematizando, isto é, realizando uma totalidade completa e, sobretudo, formulando explicitamente os pensamentos, isto é, realizando-os em proposições. (PAREYSON, 1993, p. 21)

Para as experimentações aqui relatadas optou-se pelo recorte de elementos provenientes de revistas e jornais de circulação comum, onde existe uma ampla disponibilidade de peças gráficas em reportagens, artigos e peças publicitárias. Durante o recorte, as intenções apresentadas por tais peças gráficas passam por uma segmentação de sentidos na medida em que suas partes são fisicamente deslocadas com o objetivo de estabelecer novas narrativas visuais.

Com o objetivo de estabelecer contatos entre a colagem e outras técnicas de representação valeu-se da aplicação do desenho bidimensional e da experiência auditiva da música presente no ambiente onde o trabalho era realizado. Os pontos de contato com outras mídias são capazes de adicionar significados ao material proposto.

A finalização da colagem culmina na apresentação de sua imagem em si a partir de sua presença física ou pelo registro fotográfico da mesma, criando uma cadeia de deslocamentos na medida em que os recortes iniciais compõem agora um novo todo, que por sua vez é capturado por um dispositivo técnico –

câmera fotográfica –, criando uma nova imagem deslocada da presença física do objeto em si.

A seguir são apresentadas as colagens produzidas pelo grupo a partir da exploração dos textos de Platão e Hélio Oiticica.

COLAGEM 1: “O BANQUETE” DE PLATÃO

Nesta representação, selecionaram-se peças gráficas que apresentavam ligação com as discussões apresentadas no debate. A ideia inicial era a partir daí compor colagens de todos os personagens apresentados na obra, mas devido ao tempo, resolveu-se montar uma síntese, envolvendo os imaginários por trás das palavras “banquete” e “amor”.

Na colagem produzida [Figura 1] vemos comidas e bebidas, que se acredita fazer parte de um banquete. Além disto, procurou-se incorporar fotografias relacionadas ao amor, tema central do debate empreendido pelos personagens da obra, como o desejo e os sentidos – tato, paladar, olfato, visão.

No debate considerou-se a importância de se ter múltiplas abordagens em torno do mesmo assunto, assim como acontece com o texto de Platão, em que os filósofos discorrem sobre o amor, nos incentivando a criar novos conceitos e opiniões, às vezes impensadas.



Figura 1: Trabalho de colagem que representa o texto “O Banquete” de Platão.
Fonte: Elaborado por Ruth Cuiá Troncarelli e Maria Alice Andrade de Carvalho, 2019.

COLAGEM 2: “EXPERIMENTAR O EXPERIMENTAL”, “O QUE FAÇO É MÚSICA”, “A OBRA, SEU CARÁTER PROJETUAL, O COMPORTAMENTO” E “BRASIL DIARREIA” DE HÉLIO OITICICA

Foram quatro os textos de Hélio Oiticica trabalhados para esta etapa do estudo, sendo eles: “Experimentar o Experimental” (1972), no qual entende-se que o autor questiona o papel da arte e defende a importância do experimental; “O que faço é música” (1979) em que se Oiticica associa sua produção à música, pois considera que a mesma como síntese da consequência do descobrimento do corpo; “A obra, seu caráter projetual, o comportamento” (1969) em que relaciona a obra com o museu (lugar); e “Brasil diarreia” (1973) no qual levanta críticas sobre a cultura e o pensamento paternalista.

Para representar a experiência da leitura e debate realizada, optou-se por expressar conceitos diversos que pudessem transmitir as impressões do grupo. A materialização destes conceitos abordados deu-se pela elaboração de uma colagem que resultou de uma sequência de duas experiências sensoriais. A primeira dessas experiências partiu da relação entre audição e movimento. Cada integrante do grupo desenhou, de olhos vendados, gestos que representassem sensações provocadas por músicas de Jimi Hendrix de forma que expressasse ritmos em forma de desenho, tais traços compuseram o fundo do painel. A escolha por Hendrix se deu por ser um dos músicos citados no texto “O que faço é música”: “Jimi Hendrix, Dylan e os Stones são importantes para a compreensão plástica da criação que qualquer pintor posterior a Pollock (...)” (OITICICA, 1979, p. 152, tradução nossa).

Alguns desses traços livremente desenhados ao som das canções podem ser identificados nas figuras abaixo e formam parte do plano de fundo do painel, no qual ritmos se traduziram em gestos, e gestos foram materializados em formas desenhadas sobre papel.



Figura 2: Destaque do trabalho de colagem que representa os textos de Hélio Oiticica.
Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

A segunda parte da experiência foi trabalhar com peças gráficas associadas aos desenhos que pudessem remeter ao conteúdo do debate gerado como forma de expressar por meio da técnica colagem o subconsciente dos participantes do grupo. Os textos lidos remetem a conceitos, e conceitos são transportados às colagens, que por sua vez passam a ser associadas umas às outras, levando a uma nova forma de interpretá-las. Forma-se, portanto, um conjunto de elementos que, individualmente carregam histórias e contextos diferentes de criação, como os traços que refletem a música, palavras paradoxais e imagens de objetos encontrados em publicidades diversas, papéis que entram como elementos compositivos e destacam ou se sobrepõe às distintas camadas trabalhadas. Conforme explica Danielle Perin Rocha Pitta fazendo referência a Mircea Eliade, a “atividade criadora do espírito humano lida com toda a experiência humana” (PITTA, 2005, p.17).

Conceitualmente, cenas que relacionam o ser humano com objetos que representam conceitos dos textos de Hélio Oiticica foram criados levando em consideração o “processo”, mais do que o “resultado final”.



Figura 3: Trabalho de colagem que representa os textos de Hélio Oiticica.
Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

O resultado foi um painel com técnica mista composta por desenho e colagem sobre papel. Cores contrastantes, imagens críticas, palavras paradoxais e

fotografias de objetos que provocam o imaginário formam o conjunto deste trabalho experimental realizado pelo grupo DEPi. Conforme afirma Artur Simões Rozestraten (2006): “Ao dar luz à uma nova forma gráfica, o processo do desenho é capaz de resignificar o olhar e a coisa desenhada inaugurando uma nova compreensão sobre o mundo”.

CONCLUSÃO

Para o grupo DEPi, o entendimento da imagem vai além de uma definição fixa ou afirmativa. A compreensão que se buscou fazer nos trabalhos desenvolvidos aproxima-se à própria materialidade, “formatividade”, sensibilidade e a relação entre o sujeito e o objeto.

Desta maneira, a produção de imagens pelo grupo não foi vista como um fim, mas sim, como consequência de um processo de experimentação. Assim, as colagens formadas por fragmentos de peças gráficas foram agrupadas e resignificadas, conduzidas pelo devaneio dos pesquisadores impregnados pelas discussões dos textos abordados. O seu modo de fazer foi permeado pela diversidade dos sentidos para além da visão, em que a audição e o tato se fazem presentes e ali se encontram, nos traçados guiados pela audição, no sentir do tocar o papel, no experimentar e sobrepor materiais.

Longe de uma neutralidade, a representação por meio da imagem carrega dentro de si, além de uma síntese de um texto proposto pelo grupo, o encontro de diferentes visões de mundo e sensações experimentadas que convergem em um objeto novo.

No entanto, não se pretende que este resultado seja visto como um objeto fechado em si. Consideram-se as imagens produzidas objetos abertos, passíveis de resignificação pelo espectador, que promovem novas leituras e instigam o potencial imaginativo daquele que a olha. Entende-se que aí reside a sua potência e força criativa.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BACHELARD, Gaston. *A poética do Devaneio*. Antonio de Pádua Danesi (trad.). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. *O Ar e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. Antonio de Pádua Danesi (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PAREYSON, Luigi. *Estética: teoria da formatividade*. Prefácio e Capítulo 1. Ephraim Ferreira Alves (trad.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993.

PITTA, Danielle Perin Rocha. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

PLATÃO. Platão: *Diálogos. O banquete - Fédon - Sofista - Político*. Tradução de José Cavalcante de Souza (O Banquete). São Paulo: Abril Cultural. Os pensadores. 1ª edição - Novembro 1972.

ROZESTRATEN, Artur Simões. *Representações: imaginário e tecnologia*. São Paulo: Annablume, 2019.

Fontes eletrônicas e sites

OITICICA, Hélio. *Experimentar o experimental*. Disponível em: <https://issuu.com/bienalculenca/docs/experimentar_lo_experimental_issuu/4?ff>. Acesso em 16/03/2020.

Art Term - Collage. TATE. Londres, 2017. Disponível em: <<https://www.tate.org.uk/art/art-terms/c/collage>>. Acesso em 16/03/2020.

ROZESTRATEN, Artur Simões. *O desenho, a modelagem e o diálogo*. Vitruvius, Arquitextos, 078.06, ano 07, nov. 2006. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.078/299>>. Acesso em 16/03/2020.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Trabalho de colagem que representa o texto “O Banquete” de Platão..... 67

Figura 2 – Destaque do trabalho de colagem que representa os textos de Hélio Oiticica..... 69

Figura 3 – Trabalho de colagem que representa os textos de Hélio Oiticica..... 70